

FORMAÇÃO DOCENTE EM COMUNICAÇÃO NÃO VERBAL: AVALIAÇÃO DE DOCENTES EM UM PROJETO PILOTO**TEACHER TRAINING IN NONVERBAL COMMUNICATION: TEACHER ASSESSMENT ON A PILOT PROJECT**

Rosely Kalil de Freitas Castro Carrari de Amorim¹, Monica Martins Trovo², Vilanice Alves de Araújo Püschel³, Maria Júlia Paes da Silva⁴

Submetido: 21/05/2015

Aprovado: 04/09/2015

RESUMO:

Objetivo: Avaliar proposta inicial de Curso de Formação em Comunicação Não Verbal para docentes da área da saúde. **Método:** pesquisa transversal, descritiva e explicativa, realizada em uma Instituição de Ensino Superior na cidade de Guarujá (Brasil). **Resultados:** 13 docentes participaram do curso (62% mulheres e 38% homens); com idade média de 42,2 anos e tempo de docência médio de 13,9 anos. Para 76,9% dos participantes do Curso de Formação em Comunicação Não Verbal para docentes da área da saúde, o curso foi satisfatório em todos os itens avaliados: objetivos atingidos, estabelecimento do programa, abordagem teórica, carga horária, instalações, recursos e material didático. **Conclusões:** o curso foi avaliado positivamente, ajudando a agregar conhecimentos em comunicação não verbal ao repertório pessoal dos docentes, sendo possível ser replicado, com mínimos ajustes referentes à adequação do tempo, dos recursos didáticos e do conteúdo, além da clarificação do referencial teórico utilizado.

DESCRIPTORES: Comunicação não verbal. Educação. Educação superior. Docentes. Cursos de capacitação

ABSTRACT:

Objective: To evaluate initial proposal of a Training Course in Nonverbal Communication for teachers of health. **Method:** Cross-sectional, descriptive and explanatory study carried out at a higher education institution in the city of Guarujá (Brazil). **Results:** 13 teachers attended the course (62% women and 38% men); with mean age of 42.2 years; average of 13.9 years of teaching experience. For 76.9% of the participants of the Training Course in Nonverbal Communication for teachers in health care the course was satisfactory in all items: objectives achieved, program category, theoretical approach, working hours, facilities, resources and teaching materials. **Conclusions:** the course was evaluated positively, helping to aggregate knowledge in nonverbal communication to personal repertoire of teachers and it is possible to be replicated, with minimal adjustments relating to the suitability of the time, the teaching resources and content, in addition to clarification of the theoretical framework.

DESCRIPTORS: Nonverbal communication. Education. Higher education. Teachers. Training courses

¹ Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Enfermagem na Saúde do Adulto (PROESA) da Escola de Enfermagem da USP. E-mail: roselykalil@usp.br.

² Doutora em Ciências. Docente da Universidade Guarulhos. E-mail: trovomonica@gmail.com

³ Professora Doutora do Departamento de Enfermagem Médico-Cirúrgico da EEUSP. E-mail: Vilanice@usp.br

⁴ Professora Titular Sênior do Departamento de Enfermagem Médico-Cirúrgico da EEUSP. E-mail: juliaps@usp.br

INTRODUÇÃO

A comunicação competente é um processo interpessoal no qual os envolvidos estão preocupados com a compreensão e compartilhamento mútuo das ideias, com a finalidade atingir o objetivo dos interlocutores. Pressupõe conhecimentos básicos de comunicação, consciência das dimensões verbal e não verbal da interação, clareza e objetividade para correta interpretação e decodificação e deve promover o autoconhecimento e desenvolvimento pessoal, possibilitando maior autenticidade nas relações. A busca e aprimoramento de conhecimentos e habilidades comunicacionais são requisitos para a atuação profissional qualificada¹.

Pela especificidade da profissão é imperativo que o docente aprimore a sua comunicação e a desenvolva de forma competente, favorecendo o alcance dos objetivos educacionais junto aos discentes. Estudos²⁻⁹ que abordam o aprimoramento docente na área da saúde, mesmo que de modo tangencial, citam a comunicação como interveniente nesse processo educativo.

Ao exercer o papel de professor, com exceção daqueles oriundos da área de Educação ou Licenciatura, a necessidade de aprimoramento para a docência se faz necessária, pois em diversas profissões universitárias “torna-se professor” sem a formação no campo pedagógico. Nesse contexto, a construção do papel docente ocorre tendo como referência a influência dos próprios professores. Elementos oriundos da formação na carreira escolhida constituem o alicerce do docente, uma vez que se amparam no conteúdo específico da disciplina/curso em que se insere. Além disso, a interação em sala de aula com os

estudantes fornece outros elementos, tais como: o conceito que o discente traz sobre ser profissional e sobre a profissão escolhida, a regulamentação da profissão, assim como os conteúdos específicos, o código de ética da profissão, o reconhecimento social e a participação nos órgãos de classe¹⁰. Ou seja, a construção de um docente, muitas vezes, não inclui sua participação formal em cursos de formação no campo pedagógico e, sim, se baseia em referências adquiridas durante sua formação profissional e prática empírica de docência. Autores¹¹ mencionam que a partir do momento em que o docente assume uma sala de aula, a docência passa a ser uma profissão, uma *nova profissão*, que dependerá dos saberes próprios à profissão de professor.

Em sua maioria, os docentes ingressam nas instituições de ensino superior por concurso, no caso das públicas, ou por convite, no caso das privadas, e são avaliados por outros motivos que não sua “competência para o processo de ensinar e de fazer (e deixar) aprender na sala de aula”¹⁰. A competência comunicativa é uma habilidade essencial ao docente neste processo e deve ser ensinada, uma vez que se mostra incipiente o domínio do professor nesta temática, ainda considerada instrumental do cuidado. De forma direta e simples a competência pode ser entendida como o “saber fazer bem”¹².

Em recente estudo¹³, realizado com docentes de graduação em Enfermagem sobre o uso da comunicação não verbal durante as aulas ministradas aos graduandos de Enfermagem, verificou-se que os professores reconhecem e identificam alguns aspectos gerais de seu próprio comportamento comunicativo

não verbal, ao assistirem parte de suas aulas filmadas. Entretanto, esses docentes mostraram-se inaptos em identificar sinais não verbais mais sutis em sua comunicação, como por exemplo: na **postura**, ao manter as mãos nos bolsos ou na cintura enquanto explicam; no posicionamento dos **móveis** da sala, ao manter carteiras enfileiradas de maneira tradicional em salas com número pequeno de estudantes; nos **maneirismos**, mexendo nos cabelos, nas próprias roupas e em acessórios, excessivamente; na ausência do toque em situações em que caberia; no posicionamento da **cabeça** ao fazer meneios negativos, contradizendo suas verbalizações; no **paraverbal** ao usar excessivamente os monossílabos “tá”, “né”, ou ainda emitindo sinais de hesitação (“eeeeh!”), durante a explicação. Tais sutilezas, pouco reconhecidas pelos docentes, podem ser ineficazes durante a interação com os estudantes, sendo assim, intervenientes no processo de ensino aprendizagem, corroborando a necessidade de apreensão/ressignificação do conteúdo comunicativo para uma comunicação competente.

Para que a competência pedagógica seja plenamente desenvolvida faz-se necessário que o docente também tenha competência comunicacional e, para tal, precisa apreender os significados da comunicação, estando motivado para aprimorar seus conhecimentos e/ou ressignificá-los.

Este estudo desenvolveu-se com a finalidade de testar a proposta preliminar de um Curso de Formação em Comunicação Não Verbal (FCNV) para docentes da área da saúde, como parte de um projeto de pesquisa de doutorado, em desenvolvimento. Este curso foi elaborado e aplicado para docentes da área

da saúde de uma Instituição de Ensino Superior (IES) privada, com o intuito de avaliar a adequação de tempo e recursos necessários à sua replicação e realizar ajustes com relação à estrutura, para aprimoramento e posterior validação do mesmo. Para a construção do curso foram utilizados referenciais teóricos de comunicação interpessoal¹⁴ e educacionais¹⁵, incluindo-se os da Andragogia¹⁶⁻¹⁸.

A Andragogia é compreendida como a ciência que “estuda as melhores práticas para orientar adultos a aprender”¹⁹, baseando-se em publicação da UNESCO²⁰, autores²¹ especificam que a aprendizagem de adultos envolve alguns fatores relacionados à: **Resistência** (adultos precisam saber o porquê de precisarem aprender alguma coisa, antes de se dedicarem a aprendê-la); **Responsabilidade** (adultos são mais responsáveis e maduros como parceiros de seus instrutores no processo de aprendizagem); **Objetividade** (os adultos aprendem mais quando necessidade e benefícios são claramente explicados); **Colaboração participante** (a Andragogia enfatiza a participação dos estudantes na definição dos objetivos instrucionais e leva em conta o que ele quer aprender); **Aprendizado aplicado** (os adultos têm maior necessidade aprendizado aplicado aos seus interesses e de conhecimento de uso imediato) e **Flexibilidade** (a aprendizagem é flexível e adaptável de acordo com as necessidades)²¹.

Assim, o objetivo do estudo foi avaliar o projeto piloto de curso de Formação em Comunicação Não Verbal, para docentes, baseado nos referenciais teóricos de educação e de comunicação, quanto à adequação de sua estrutura e viabilidade de replicação.

MÉTODO

Pesquisa descritiva, explicativa e transversal, desenvolvida em uma IES privada que possui dois campi, sendo um deles localizado na cidade de Guarujá, na região litorânea de São Paulo, local onde foi realizada a pesquisa. A escolha por esta instituição ocorreu por conveniência²², ou seja, por já ter demonstrado interesse, em contato prévio. No período da coleta de dados, nesta Instituição havia 33 docentes da área da saúde.

Após a aprovação do Comitê de Ética e Pesquisa da referida instituição (CAAE: 26979214.0.0000.5498, aprovado em 25/05/2014), todos os docentes da área da saúde que eram vinculados ao Campus da IES foram convidados a participar da pesquisa em uma reunião pedagógica, ocorrida em julho de 2014. Posteriormente, foi feito convite individual por correio eletrônico (*e-mail*) e, para os que não responderam aos *e-mails*, foram colocados convites em seus respectivos escaninhos, localizados na sala dos professores.

Os docentes interessados em participar da pesquisa preencheram uma ficha de inscrição, em que constavam informações sucintas sobre a pesquisa e dados do participante como idade, sexo, telefone de contato, *e-mail*, cursos de pós-graduação realizados, cursos em que se inseria como docente e opções de data para a realização do curso de FCNV. Essa ficha foi enviada ao *e-mail* da pesquisadora.

A coleta de dados foi realizada em dois momentos, conforme explicitado a seguir, no mês de setembro de 2014: em um sábado de 8 horas de curso, com 09 docentes interessados (turma A) e, posteriormente, com outra turma de 04 docentes em dois dias de 4 horas cada, durante a semana. No início do encon-

tro, os participantes da pesquisa receberam uma pasta com caneta, lápis, borracha., bloca de notas e o programa do curso contendo indicações de artigos para leitura e de filmes, pertinentes ao tema abordado, para reforçar a fixação do conteúdo ministrado.

O programa do curso abordou os seguintes temas: A importância da comunicação interpessoal no ambiente de ensino. A importância do *Feedback* no processo de comunicação com os estudantes; A comunicação no processo de ensino-aprendizagem no adulto na prática do docente da área da saúde; Análise e discussão em grupo sobre os tipos de estratégias de ensino-aprendizagem mais adequadas para uso nas situações problemáticas de ensino com os estudante da área da saúde com uso de recursos comunicativos discutidos; Análise e discussão em grupo de estratégias comunicativas mais adequadas para lidar com estudantes em diversas situações de ensino (por exemplo: estudante raivoso, questionador, disperso, disléxico).

Em ambas as turmas, nos 10 minutos iniciais fora feita uma explicação pela pesquisadora, em que os docentes receberam novamente as informações sobre a pesquisa (anteriormente enviadas por *e-mail*), reforçando os objetivos e a dinâmica de operacionalização do encontro. Neste mesmo momento, os participantes do curso assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, conforme a Resolução 466/12 do Conselho Nacional de Saúde, que lhes fora enviado anteriormente por *e-mail* para o conhecimento.

Respeitando-se os princípios andragógicos de aprendizagem em adultos, foram utilizadas estratégias ativas de ensino-aprendizagem tais como: a exposição dialogada, em que o

ministrante do curso expõe o conteúdo, mantendo um diálogo com os participantes; dinâmicas de grupo, com discussões reflexivas; projeção de trechos de filmes para análise e discussão junto aos participantes e o desempenho de papéis (*role playing*). Para o *role playing* os participantes eram divididos em dois grupos 1 e 2, sendo que cada grupo elaborava uma cena relacionada contexto de sala de aula (um docente e seus alunos). Essa cena era filmada com uma filmadora que projetava e, após a encenação do grupo 1, todos assistiam e posteriormente o grupo 2 analisava/decodificava os sinais não verbais dos participantes na cena, de acordo com o que fora discutido e aprendido durante o curso. Na sequência, o grupo 2 encenava, todos assistiam à filmagem e o grupo 1 fazia as decodificações/análises dos sinais não verbais dos participantes da cena. O intuito do *role playing* era o de promover a mobilização mais ativa e a aprendizagem significativa dos participantes.

Para a avaliação do aprendizado imediato dos docentes foi feita uma avaliação prévia (antes do início efetivo do curso) e uma avaliação posterior (ao término do curso), referentes aos conteúdos abordados. Para tal, os participantes assistiram as projeções de dois trechos do filme “O sorriso de Monalisa” (cena 4, na avaliação prévia e cena 19, na avaliação posterior, ambas de aproximadamente 3 minutos de duração cada) e preencheram um formulário que continha 14 aspectos da comunicação não verbal (postura dos olhos, disposição dos móveis, roupas, expressão facial, maneirismos, volume de voz, ritmo de voz, nível de energia física, distância interpessoal, presença e características do toque, meneios de cabeça, postura corporal e paraverbal).

Nesse formulário os docentes deveriam apontar 2 momentos eficazes e/ou ineficazes da comunicação não verbal da docente em cena, dentro dos 14 aspectos listados (instrumento adaptado a partir do original, desenvolvido por Silva com base em referencial teórico de comunicação não verbal¹⁴).

Ao final do curso, também foi solicitado aos participantes que fizessem uma avaliação do curso, emitindo suas opiniões e sugestões, em instrumento próprio, com as questões. “O curso atingiu seus objetivos?”, “O programa estabelecido foi desenvolvido?”, “A abordagem teórica foi suficiente?”, “A carga horária foi bem distribuída?”, “As instalações e recursos foram adequados?”, “O material didático foi satisfatório?”, “Seu aproveitamento neste curso foi bom?”, “A coordenação deste curso foi eficiente?”, “Há possibilidade de aplicação dos conhecimentos adquiridos durante o curso na sua prática profissional?”. Para cada questão o participante poderia assinalar entre as opções: sim, parcialmente e não, sendo também possível registrar opiniões e sugestões em espaço próprio.

Foi elaborado um banco de dados por meio de planilhas no programa Excel®, versão 2013 do pacote Office da Microsoft®, para tratamento dos dados relativos às variáveis de identificação da amostra (idade, sexo e tempo de docência). A variável “sexo” foi apresentada segundo frequência absoluta e relativa. Para a análise das variáveis quantitativas (idade, tempo de formação e tempo de docência) foram utilizadas médias, medianas, desvio-padrão, mínimo e máximo, indicando a variabilidade dos dados.

Nas avaliações dos docentes sobre o curso foram listados e apresentados os percentuais

de concordância, discordância ou parcialidade. Conforme nível de satisfação total a insatisfação total. Para as questões avaliativas do curso, as sugestões e opiniões são apresentadas na íntegra.

RESULTADOS

Dos 33 docentes dos cursos da área da saúde, existentes no campus da IES privada, excluindo-se a própria pesquisadora, participaram da pesquisa 13 docentes (39,4%), dos cursos de Educação Física, Enfermagem e Fisioterapia (contando-se uma única vez os docentes que ministram aulas para dois ou os três cursos).

Embora todos os docentes tenham sido convidados, acredita-se que não houve maior participação de docentes por falta de interesse ou por impossibilidade de comparecimento no dia acordado para realização do curso.

Nessa amostra de 13 docentes, 8 (61,5%) eram do gênero feminino e 5 (38,5%) masculino. Excluindo-se os dados *outline* para a idade (2 docentes com idade 59 anos), a média de idade dos participantes foi $37,2 \pm 7,8$ anos, mediana 39 anos; o tempo médio de docência foi $12,6 \pm 8,9$ anos, mediana 14,5 anos, excluindo-se os dados *outline* para o tempo de docência (2 docentes que tinham 6 meses de tempo de docência e um docente que tinha 30 anos de docência).

Em relação às questões de avaliação do curso, a Tabela 1 mostra a distribuição das respostas dos docentes, em que todos os participantes consideraram que o programa foi cumprido e a grande maioria (92,3%) considerou: que o curso atingiu seus objetivos; que as instalações e recursos foram adequados e que

o material didático foi satisfatório. Os itens com maiores frequências de respostas “parcialmente” (23,1%) foram em relação à abordagem teórica e carga horária. O grau de satisfação do curso variou de 76,9% a 100% sendo considerado, em geral, satisfatório pelos participantes.

Tabela 1 – Avaliação da proposta de curso de comunicação não verbal para docentes da saúde – São Paulo, 2014.

Questão	Sim N (%)	Parcialmente N (%)	Não N(%)
Atingiu os objetivos	12 (92,3%)	1 (7,7%)	0
Programa estabelecido foi desenvolvido	13 (100%)	0	0
Abordagem teórica foi suficiente	10 (76,9)	3 (23,1%)	0
Carga horária bem distribuída	10 (76,9)	3 (23,1%)	0
Instalações e Recursos adequados	12(92,3%)	1 (7,7%)	0
Material didático satisfatório	12(92,3%)	1 (7,7%)	0

Vale ressaltar que foi considerado como abordagem teórica, o arcabouço teórico, ou seja, o conjunto de conhecimentos relacionados à comunicação não verbal apresentados pela facilitadora durante o curso (pesquisadora). Já em relação ao material didático, entendeu-se, naquele contexto, como a metodologia didática utilizada pela facilitadora para a apre

sentação/debate/discussão dos conteúdos propostos ao longo do curso.

agrupadas por semelhança temática (Quadro 1).

As respostas dos docentes no espaço destinado a comentários, opiniões e sugestões foram lidas exaustivamente e as falas foram

Quadro 1 – Comentários, sugestões e opiniões dos docentes participantes do curso de comunica o não verbal.

Tema	Exemplos de falas
Adequa�o dos recursos didáticos e do conteúdo	<i>“Poderia ter mais dinâmicas. Letra dos slides; não dá pra ler. Necessita adaptar-se ao uso do aparelho de slides, pois sempre corta o raciocínio quando se dirige ao PC ”(participante 1-turma A)</i> <i>“Talvez dividir alguns slides com maior conteúdo e rever mínimos erros na escrita [...]” (participante 3-turma A)</i> <i>“A visualiza�o [dos slides] ficou difícil em alguns momentos. [...]” (participante 6-turma A)</i> <i>“O curso tem muito conteúdo, acho melhor diminuir o conteúdo. Mesma carga horária, com conteúdo menor. Arrumar uma sala com audiovisual fixo. Meu aproveitamento é parcial porque eu queria ter aproveitado tudo” (participante 2-turma B)</i> <i>“Como pesquisador, senti falta de algumas referências científicas sobre a temática. Um seriado, livro best-seller, não sei se seria um bom referencial teórico. Ainda assim, a aula foi muito boa!!!” (participante 9-turma A)</i>
Aprimoramento profissional	<i>“As técnicas discutidas neste curso, foram de grande valia para minha carreira profissional, motivo que fez classificar todos os itens positivamente.” (participante 2-turma A)</i> <i>“O curso atingiu o objetivo proposto principalmente por ter me levado a reflexões em rela�o a minha prática docente e constatar a necessidade de inclusão de alguns itens aqui discutidos. O interesse dosado pela participa�o do grupo revelou que o assunto ou conteúdo abordado foi relevante.” (participante 4-turma A)</i> <i>“Já estou aplicando os conhecimentos adquiridos” (participante 3-turma B)</i> <i>“[...]A proposta é muito interessante, podendo servir de treinamento para outros professores.” (participante 6-turma A)</i>

Continua...

...continua o

Tema	Exemplos de falas
Reflexão sobre a prática docente	<i>“Seria muito bom que o curso fosse estendido a todos os docentes: certamente a inter-rela�o professor/aluno será mais saudável” (participante 4-turma A)</i> <i>“A proposta é interessante, podendo servir de treinamento para outros professores” (participante 6-turma A)</i>

	<i>“Durante toda a prática docente utilizamos a comunicação não verbal (93%) sem que soubesse de todas as formas de aproximação e correção. [...]” (participante 7-turma A)</i>
Necessidade de Inserção dos conhecimentos adquiridos na prática cotidiana	<i>“[...] Nas minhas futuras aulas vou me utilizar de todas essas técnicas e corrigir todas as minhas estratégias, com o conhecimento que recebi hoje. Em várias situações me encaixei na comunicação não verbal (CNV) sem que conhecesse.” (participante 7-turma A)</i> <i>“[...] como é um novo conteúdo, as nomenclaturas e vocabulário, ainda precisariam de prática para fazer parte da vida acadêmica” (participante 3-turma A)</i>
Desenvolvimento pessoal	<i>“Gostei muito e despertei interesse pessoal sobre o tema [...]. Foi uma ótima oportunidade de aprendizagem.” (participante 3-turma A)</i>
Adequação da distribuição da carga horária	<i>“Neste formato acredito que é possível reduzir o tempo do almoço e incluir neste ‘espaço’ mais informações” (participante 5-turma A)</i> <i>“Nos itens 4 [carga horária] e 7 [aproveitamento do curso] meu aproveitamento foi parcial, pois considero que seria necessário uma carga horária maior, para a realização de mais atividades de fixação das técnicas” (participante 8-turma A)</i>

Fim do quadro

Fonte: as autoras

De acordo com a Tabela 1 e o Quadro 1, os participantes do curso de comunicação não verbal (docentes de graduação em saúde) consideraram o referido curso satisfatório (com grau de satisfação variando entre 76,9% a 100%), referindo que o curso ajudou no aprimoramento profissional e numa reflexão sobre a prática docente, indicando necessidade de inserção desses conhecimentos adquiridos no curso na prática cotidiana, além de proporcionar desenvolvimento pessoal. Para 23,1% dos participantes do curso a abordagem teórica foi parcialmente satisfatória, assim como a distribuição da carga horária, com sugestões de aumento da carga horária para realização de atividades de fixação das técnicas aprendidas no curso.

O aprimoramento comunicativo do docente da saúde, por meio de cursos de formação, ainda é incipiente, ou seja, ainda estão no começo, pois muito se discute sobre a comunicação adequada do profissional de saúde com o usuário do serviço, mas há carência de estudos sobre como pode ser o preparo docente para comunicar-se adequadamente em sala de aula com os estudantes.

Respeitando-se os princípios Andragógicos¹⁶⁻¹⁸ da educação em adultos, a experimentação, ou seja, executar, colocar em prática o aprendizado por meio dos *role playings* pode ter sido uma estratégia diferencial do curso, o que gerou comentários positivos na avaliação dos docentes sobre o mesmo.

Estratégias de trabalho em grupo e a dramatização do *role playing* também foram utilizadas em alguns estudos²³⁻²⁴ por facilitarem a

DISCUSSÃO

participação e a motivação para a aprendizagem²³.

Considerando-se que cada geração tem posturas diferentes diante do professor e da

própria aprendizagem, é possível entender que essas reflexões sobre como se comunicar com os estudantes são atuais e necessárias, periodicamente. Os estudos que envolvem capacitação ou cursos de formação, em que a comunicação na área da saúde é abordada, mostraram-se efetivos²⁵⁻²⁸.

Embora a Associação Europeia de Comunicação na Área da Saúde²⁹, apresente cursos modulares de dois dias de duração e aproximadamente 16 horas, ou haja outros estudos que contém cursos com profissionais de saúde da área paliativa²⁶ ou gerontológica²⁵ com 12 horas de duração, para 76,9% dos docentes participantes do curso, a carga horária de 8 horas foi satisfatória.

Ainda que dois docentes tenham referido necessidade de aumento da carga horária do curso e um docente tenha apontado que “queria mais” (no sentido de querer mais carga teórica, mais conteúdo), sabe-se que para que a comunicação não verbal seja estudada com profundidade, há que se ter interesse, envolvimento e comprometimento pessoais contínuos com o tema. O curso em questão foi pensado para que os docentes potencializassem sua comunicação não com os discentes, além de se sensibilizarem para a importância e a necessidade de continuar a discussão sobre o processo comunicativo com os estudantes.

As instalações e recursos, assim como o material didático, assinalados como sendo parcialmente satisfatórios por decentes podem estar relacionados a dois *slides* que continham maior conteúdo que ficaram de difícil visualização na primeira turma, por conta do projetor multimídia ser fixo, mas que foi corrigido na

segunda turma. De fato, a recomendação de não sobrecarregar o *slide* com texto deve ser rigorosamente seguida para se evitar dificuldades de visualização³⁰.

CONCLUSÃO

Os participantes da proposta inicial do Curso de Formação em Comunicação Não Verbal para docentes da área da saúde o consideraram em geral satisfatório.

Na percepção das pesquisadoras, o curso é possível de ser replicado, após pequenas modificações sugeridas em relação à adequação do tempo, dos recursos didáticos e do conteúdo, além da clarificação do referencial teórico utilizado.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As pesquisadoras consideram que, de acordo com as falas de alguns docentes, participantes do curso, houve potencialização e seus conhecimentos comunicativos não verbais, comparados aos conhecimentos prévios ao curso.

Considerando-se, também, que o curso foi estruturado com assuntos básicos sobre comunicação e sobre o processo de aprendizagem no adulto (com destaque para comunicação não verbal, a Andragogia e discussões sobre como aplica-las no ambiente de ensino em diversas situações), ou seja, de acordo com a própria proposta andragógica, o foco do

aprendizado está no processo, na forma como ele ocorre e não no conteúdo. Sendo assim, não se finaliza no curso, ao contrário, é contínuo e requer mais comprometimento e envolvimento do próprio estudante, no caso, dos docentes que participaram do curso e que, a depender da necessidade de cada um, irão buscar mais conhecimentos sobre o assunto na bibliografia do curso.

REFERÊNCIAS

1. Braga EM, Silva MJP. Comunicação Competente: visão de enfermeiros especialistas em comunicação. *Acta Paul Enferm* [online]. 2007 Dec [cited 2014 Jan];2014: 410-414. Available from: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttex&pid=S0103-21002007000400004&lng=en
2. Stein SM, Fujisaki BS, Davis SE, MacLean LG. A 1-Day course to improve the teaching effectiveness of health professions faculty mem-

ber. *Am J Pharma Educ*. 2012;76(1):1-9.

3. Fairman B, Miceli TS, Richards T, Tariman JD. Survey of experiences of an e-mentorship program: Part II. *Clin J Oncol Nurs*. 2012;16(1):50-54.
4. Reilly JR, Gallagher-Lepak S, Killion C. "Me and my computer": emotional factors in online learning. *Nurs Educ Perspect*. 2012;33(2):100-5.
5. Vitale AT. Faculty development and mentorship using selected online asynchronous teaching strategies. *J Contin Educ Nurs*. 2010;41(12):549-56.
6. Heimann C. Capacitação pedagógica de docentes de enfermagem: desenvolvimento e avaliação de um curso à distância [dissertação]. São Paulo: Escola de Enfermagem, Universidade de São Paulo; 2012.
7. Trangenstein PA. Electronic toolkit for nursing education. *Nurs Clin N Am*. 2008;43:535-546.

8. Krautscheid L, Kaakinen J. Warner JR. Clinical faculty development: using simulation to demonstrate and 'practice clinical teaching. J Nurs Educ. 2008;47(9):431-434.
9. Sgariboldi AR, Puggina ACG, Silva MJP da. Análise da percepção dos professores em relação aos sentimentos dos estudantes em sala de aula. Rev Esc Enferm USP. 2011;45(5):1206-1212.
10. Anastasiou LGC. A docência como profissão no ensino superior e os saberes pedagógicos e científicos. Apresentação em Painel do ENDIPE (Encontro Nacional de Didática e Prática de Ensino). Maio de 2002.
11. Anastasiou LGC. Educação superior e preparação pedagógica: elementos para um começo de conversa. Saberes. 2001;2(2):23-31.
12. Rios TA. Ética e competência. 20ª ed. Cortez; 2011.
13. Amorim RK de FCC de, Silva MJP da. Nursing faculty's opinion on effectiveness of non-verbal communication in the classroom. Acta Paul Enferm. [periódico na internet]. 2014 Jun [citado 2014 Out 07]; 27(3):194-199. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?scri](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-21002014000300194&lng=pt)
- pt=sci_arttext&pid=S0103-21002014000300194&lng=pt.
14. Silva MJP. Comunicação tem remédio: a comunicação nas relações interpessoais em saúde 9ª ed. São Paulo: Loyola; 2012.
15. Anastasiou LGC e Alves LP (Orgs). Processos de ensinagem na universidade: pressupostos para estratégias de trabalho em aula. 8ª Ed. Joinville: Editora Univille; 2009.
16. Passano MPA. Andragogia, educación durante toda la vida. Ver Urug Cardio. 2011;26:171-172.
17. Draganov PB, Friedlânder MR, Sanna MC. Andragogia na saúde: estudo bibliométrico. Esc Anna Nery (impr). 2011;15(1):149-156.
18. Draganov PB, Andrade AC, Neves VR, Sanna MC. Andragogy in nursing: a literature review. Invest Educ Enferm. 2013;31(1):86-94.
19. Martins RMK. Pedagogia e andragogia na construção da educação de jovens e adultos. Ver. Ed. Popular, Uberlândia, 2013;12(1):143-153.

20. UNESCO. Manual for Media Trainers A Learner-Centred Approach. [acesso 2014 2014 dez. 20]. Disponível em: http://www.unesco.org/weworld/publications/media_trainers/manual.pdf
21. Sales MB, Fialho FAP, Alvarez AM, Guarezi RC. Abordagem pedagógica e elaboração de material didático acessível ao idoso. iATHENA Revista Científica de Educação. 2007;8(8).
22. Polit DF, Beck CT, Hungler BP. Fundamentos de pesquisa em enfermagem: métodos, avaliação e utilização. 7ª ed. Porto Alegre: Artmed; 2011.
23. Kalinowski CE, Massoquetti RMD, Peres AM, Larocca LM, Cunha ICKO, Gonçalves LS, et al. Metodologias participativas no ensino de administração em enfermagem. Interface (Botucatu) [Internet]. 2013 Dec; [cited 2015 May 20]; 17(47):959-976. Available from: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttex&pid=S1414-32832013000400019&Ing=en. Epub Dec 03,2013.
24. Santos, ADB dos; Oliveira, KKD de; Rosário, SSD de; ALB de C; Tourinho FSV; Santos, CEP dos. Estratégias de ensino-aprendizagem do processo de enfermagem na graduação e pós-graduação de enfermagem. Rev Pesqui Cuid Fundam. 2014;6(3): 1212-1220.
25. Schmidt TCG, Silva MJP da. An Approach to touching while providing high-quality affective health care to hospitalized elderly patients. Rev Esc Enferm USP [online]. 2013 Apr; [cited 2014 Dec 03]; 47(2):416-432. Available from: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttex&pid=S0080-62342013000200022&Ing=en.
26. Araújo MMT de, Silva MJP da. Communication strategies used by health care professional in providing palliative care to patients. Rev Esc Enferm USP [online]. 2012 June [cited 2014 Dec 03]; 46(3):626-632. Available from: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttex&pid=S0080-62342012000300014&Ing=en.
27. Hermann M, Lichte T, Von Unger H, Gulich M, Waechetler H, et al. Faculty development in general practice in Germany: Experiences, evaluations, perspectives. Medical Teacher. 2007; 29:219-224.

28. Steinert Y, Mannn K, Centeno A, Dolmans D, Spencer J, Gelula M, Prideaux D. A systematic review of faculty development initiatives designed to improved teaching effectiveness in medical education: BL-REME Guide No. 8. Medical Teacher 2006;28(6):497-516.

29. European Association for Communication in Healthcare [Internet]. Salisbury; 2001-2014.. [citado 2014 nov. 30]. Disponível em: <http://www.each.eu/about-us/about-each/>

30. Longo A, Tierney C, Presentation Skills for the Nurse Educator. Journal for Nurses in Staff Development. 2012;28(1): 16-26.

AGRADECIMENTOS

À CAPES pela concessão da bolsa de doutorado à aluna doutoranda.,